



## **VIOLÊNCIA, MÍDIA E EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO COMO ATO DEFENSOR DA VIDA**

Simone de Fátima Ramos<sup>1</sup>  
Martinho Kavaya<sup>2</sup>

Este artigo objetiva, embasando-se em Contrera (2002), em Odalia (1991) e em Freire (1996) contextualizar a palavra violência na sua origem (gênese) e refletir sobre as possíveis conseqüências provenientes desse ato. Por conseguinte, o mesmo, aborda como a mídia trabalha os efeitos sociais da violência e as artimanhas por ela utilizadas no processo de sua elaboração. Daí, a necessidade de trazer à baila a realidade educacional e rever a relação existente entre mídia-violência-telespectador. Finalmente, apontam-se possíveis caminhos que despertem maior senso crítico, isto é, a auto-conscientização dos telespectadores, como sujeitos e agentes transformadores sociais e não meros receptáculos de informações.

A palavra portuguesa “violência” (como também em outras línguas latinas e mesmo no inglês) vem do latim “violentia”, que significava a “força que se usa contra o direito e a lei”. Em alemão, a palavra “gewalt” significa ao mesmo tempo “poder” (no sentido da origem do direito) e “violência” (no sentido de força imposta). Nas línguas latinas, a mesma ambigüidade permeia o emprego de palavras como “poder” e “dominação”, que só conseguem superar plenamente seu duplo sentido quando transformadas em “autoridade”.

Segundo Abbagnano (2003) violência corresponde à ação contrária à ordem ou à disposição da natureza. Nesta ótica, Aristóteles fazia a distinção entre o movimento segundo a natureza e o movimento por violência: o primeiro conduz os elementos ao

---

<sup>1</sup> Professora do Colégio São José e graduanda de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo – na Universidade Católica de Pelotas - UCPEL – E-mail: [moneramos@terra.com.br](mailto:moneramos@terra.com.br) – Orientador: Prof. Dr. Fábio Souza da Cruz – [fabiosouzadacruz@gmail.com](mailto:fabiosouzadacruz@gmail.com) ; Co-orientador: MS Martinho Kavaya.

<sup>2</sup> Graduado em filosofia, teologia e serviço social; mestre e doutorando em educação pelo PPGE/FaE/UFPel - Universidade Federal de Pelotas, RS. E-mail: [makavaya@yahoo.com.br](mailto:makavaya@yahoo.com.br) – Orientador: Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi - [gghiggi@terra.com.br](mailto:gghiggi@terra.com.br).

seu lugar natural, enquanto o segundo, afasta-os. De outro modo, violência apresenta-se como uma ação contrária á ordem moral, jurídica ou política. Nesse sentido, torna-se óbvio, falar-se em “*cometer*” ou “*sofrer*” violência.

A violência, assim, significa o emprego da dominação sem legitimidade, isto é, na impossibilidade do conflito e da resistência ela utiliza meios que a justifique como é o caso da mídia, por ser um veículo de transmissão e comprovação da atual crise em que se vive. Assim, a violência diferencia-se da *força*, palavra que costuma estar próxima na língua e no pensamento cotidiano.

Enquanto a força designa, em sua acepção filosófica, a energia ou “firmeza” de algo, a violência caracteriza-se pela ação corrupta, impaciente e baseada na ira, que não convence ou busca convencer o outro, simplesmente o agride.

Os hábitos, os costumes, as leis, mascaram a violência, nos levam a suportá-la como condição inerente às relações humanas e condição a ser paga pelo homem, por viver em sociedade de consumo midiático e de desigualdades estruturais, frutos do capitalismo selvagem. Como nos diz Odalia (ibid, p.30), “*agimos como se a desigualdade fosse uma norma estabelecida pela natureza da sociedade e contra a qual pouco é possível, enquanto o mundo for o mundo*”.

Utilizando-se dessas justificativas, a mídia, “*conjunto dos meios de comunicação existentes em uma área, ou disponíveis para uma determinada estratégia de comunicação*” (RABAÇA BARBOSA, 2001, p.490), apropria-se da força que o próprio telespectador fornece, ao apreciar sua elaboração, e espetacularizam a violência dando a ela facetas que a valorize e a torne um produto rentável. Tudo isso mostra que,

a mídia tem a penetração, os meios semióticos, os procedimentos de linguagem e formas de agregação simbólicas necessárias para, no contexto moderno, ser um dos grandes pontos de convergência das atenções” (CONTRERA, 2002, p.76).

Assim, desencadeia-se uma série de sintomas nos mais variados campos sociais, desde a esfera pública aos setores privados, que utilizando-se dos sistemas vigentes reforçam a manipulação. Essas situações revelam uma sociedade patológica, sem perspectivas de mudança da realidade, uma vez que a mesma é constituída de uma massa acéfala, amorfa, alienada de sua realidade. Deste modo, faz sentido a afirmação de Odalia (ibid, p.91):

A violência será vencida quando a sociedade for organizada de tal maneira que as diferenças entre os homens sejam cada vez menos sensíveis. É o óbvio que encerra o longo caminho a percorrer e que uma vez percorrido, talvez, revele

ao homem civilizado que seu pecado original não foi o de ter comido o fruto do “Bem e do Mal”, mas ter tido história.

Por conseguinte, propusemos um novo horizonte da sociedade que reconsidere o processo educacional, uma vez que ele continua sendo uma das grandes armas para a conscientização dos sem voz e dos sem vez, e, possibilite o verdadeiro processo de comunicação a fim de que ela não se transforme em simulacro, fantasma, ausência, recusa ou quase-impossibilidade (SILVA, 1997, p.111), afastando-se de sua real natureza, uma vez que esse termo

vem do latim *communicatio*, do qual distinguimos três elementos: uma raiz *munis*, que significa “estar encarregado de”, que acrescido do prefixo *co*, o qual expressa simultaneidade, reunião, temos a idéia de uma atividade realizada conjuntamente”, complementada pela terminação *tio*, (MARTINO, 2002, p. 12-13) **que reforça a idéia de atividade** (meu grifo)

A cultura engendra seus processos, como afirma Contrera (ibid), e a mídia é o útero de seu engendramento, ou seja, ela é um dos espaços sociais nos quais a cultura dominante floresce. Ela pauta quais deverão ser os assuntos abordados e com isso, a relevância que deve ter na vida das pessoas. No entanto, segundo Silva (1997, p.111)

a mídia quer distância da complexidade. A simplificação é mais rentável. A crítica da mídia não se volta jamais contra a própria mídia. As exceções servem para a legitimação de autocrítica. Produtores e produzidos por um imaginário que os engloba, os meios de comunicação para serem examinados em profundidade, devem ser submetidos a complexas radiografias à luz do paradigma que os justifica

Assim, a mídia deixa clara a sua predileção por assuntos catastróficos, pela violência sistêmica, pela correria diária do nada refletir e nada dizer frente as cenas de horror, apenas assimilar a “*cultura da morte*”, como mais um fato, mais uma queda, mais uma morte.

Enquanto a mídia se ocupa em espetacularizar a violência, explicitando-a sob formas cada vez mais grotescas, cala sistematicamente sobre outras formas de violência, em realidade promovendo sua amplificação (CONTRERA, 2002, 29p.), ela detém o que na verdade não é seu monopólio, a consciência das pessoas. Seja no âmbito das relações pessoais, seja na esfera política ou na organização das instituições, aí ela está e inibe com violência, qualquer ação consciente que vá em “*contra mão com seus simulacros de bem estar social*”.

A mídia dita comportamentos sociais, ela influencia grupos e desperta interesses naqueles que não podem acompanhar o ritmo de suas criações. Incita para que adquiram, tanto socialmente, como psicologicamente, bens materiais e comportamentos

que descaracterizam a identidade do indivíduo. Impede, em muitos casos, a convivência equilibrada entre as pessoas, no enfrentamento maduro e realista das próprias condições de vida.

Todas essas, e muitas outras questões percorrem, senão a mente da maioria dos que buscam refletir e analisar essa crise de harmonia humana, pelo menos pode tirar o sossego dos que procuram um algo mais para preencher seus dias e encontrar sentido no que é, no que faz e no que pensa. Assim fará sentido, falarmos, um pouco sobre a mídia. O telespectador e a realidade social.

Nessa lógica, os meios de comunicação social, por inúmeras técnicas, divulgam um retrato preciso dos acontecimentos diários. A permanente luta dos mídia pelo suposto privilégio de ser o primeiro a apresentar uma informação ( a idéia de furo jornalístico) faz ainda parecer que o único contraponto, procurando a mesmice da saturação, é a informação inédita, considerada capaz de reacender o desejo de consumo no espírito do espectador (CONTRERA, 2002, p.76).

A educação é uma possibilidade de mudança, é uma prática da liberdade, ela impulsiona o ser humano para a denúncia e o anúncio do mundo: denúncia da realidade conhecida, anúncio da nova realidade com um pré projeto que emerge da denúncia que se viabilize somente pela práxis, conhecimento da realidade próxima dos fatos concretos, fontes do conhecimento (FREIRE, 2002, p.92).

Portanto, a educação, é um dos fatores essenciais para um novo despertar de uma sociedade promotora de um novo amanhecer, onde haja maior senso crítico, isto é, a auto-conscientização dos telespectadores, como sujeitos e agentes transformadores sociais e não meros receptáculos de informações.

## REFERÊNCIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*(trad. da 1ª ed. Brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos: Ivone Castilho Benedetti). São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CONTRERA, Segura Malena. *Mídia e Pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. 1ª ed. São Paulo: Annablume – Fapesp, 2002, 126p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro, 23ª reimpressão: Paz e Terra, 1996,184p.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002a. 176p.

MARTINO,C.Luiz.de qual. *comunicação estamos falando?.in,\_\_\_\_\_Teorias da Comunicação*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes,2002,11p.

ODALIA, Nilo. *O que é violência*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, 95p.